

REPERCUSSÕES DOS COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS ENTRE CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL: NOVO CENÁRIO ALARMANTE

Giovanna Koch
giovannakoch@hotmail.com

Ellen Caroline Albino
Mirian Martins da Silva
Natalia Franco de Oliveira
Thifany Sabrina França Rodrigues
Thereza Cristina de Arruda D’Espindula

RESUMO: no Brasil, a procura pelos serviços de saúde mental direcionado ao público infantil apresenta-se na maioria das vezes associada às demandas escolares e configuram uma parcela expressiva dos encaminhamentos psicológicos. As transformações ocorridas na sociedade ao longo do tempo interferem na estrutura familiar e na dinâmica escolar e a consequência disso é que muitos pais e responsáveis transferem para a escola responsabilidades e deveres que eles mesmos deveriam ter com seus filhos. Dessa forma, a função escolar nos dias atuais é muito mais ampla e profunda. Neste sentido, vale destacar a influência da escola como papel fundamental para o desenvolvimento intelectual e social do aluno. As mudanças ao longo do tempo interferem também no comportamento infantil e o novo cenário que as escolas de ensino fundamental estão vivendo é a recorrência de comportamentos agressivos entre as crianças. Considerando-se essa nova temática se faz necessário a reflexão sobre a necessidade da participação efetiva da escola no processo de desenvolvimento infantil. O projeto foi aplicado em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada na cidade de Curitiba – Paraná, onde foram observadas as relações e interações sociais entre as crianças e levantadas as principais demandas da escola. As queixas mais recorrentes foram referentes ao suicídio - como tentativas e ideações suicidas – e agressividade - violência, falta de respeito entre os alunos e o desrespeito a hierarquia da instituição. Foi realizado, em segundo momento, uma dinâmica lúdica com as crianças, onde essa tinha como intuito, demonstrar a importância do trabalho em dupla e a necessidade da cooperação para a realização de um trabalho para atingir um objetivo em comum e em sequência aberto uma roda de conversa para debater sobre os sentimentos que surgiram durante a realização da dinâmica, assim como os sentimentos cotidianos de cada um. As crianças, em suas falas, abordaram assuntos com temáticas de violência doméstica, sexualidade e *bullying* que se apresentaram de forma intensa e recorrente. É possível, a partir dessa vivência, observar a escola sendo um ambiente palco de diversas situações de violência verbal e física entre as crianças e muitas vezes também direcionadas aos professores e demais funcionários. A impotência que os profissionais costumam sentir parte da dificuldade de compreensão da função da agressividade no desenvolvimento infantil, seus desdobramentos e implicações culturais, sociais e de construção de personalidade. O contexto familiar é o que dá direção às condutas, tanto positivas quanto negativas, da criança, pois os pais ou responsáveis se tornam modelo aos seus filhos e, quando esta criança ingressa no ambiente escolar reproduz tudo o que

absorveu do ambiente familiar. Foi observado como uma das principais demandas, os altos índices de ideação suicida e tentativa entre crianças do ensino fundamental. Considerando a faixa etária e os fatores biopsicossociais o principal ponto comum encontrado foi a falta de habilidade para elaboração dos sentimentos das vivências da infância. As manifestações verbais, sendo diretas ou indiretas, que fazem referência a “pensamentos de morte”, as mudanças de comportamento e curiosidade pela temática da morte devem ser observadas e levadas a sério, e exigem atenção imediata. As mudanças do comportamento da criança não devem passar alheias. É necessário transpor a ideia de que a criança não tenha a capacidade cognitiva para consumir o ato, pois independente da imaturidade cognitiva, é visto que as crianças têm capacidade e domínio do ato suicida. A prevenção objetiva minimizar os fatores de risco que possam se desdobrar em uma patologia, e a promoção em saúde focada na infância mostra-se de grande necessidade uma vez que contribuem para o desenvolvimento da resiliência nas crianças. O suicídio é um problema atenuante de saúde pública que atinge diversas populações a nível mundial, entretanto são as estatísticas crescentes e expressivas presentes na infância desta problemática gerando uma situação alarmante que merece atenção e promoção do cuidado. Os problemas escolares configuram uma importante parcela para a ocorrência de casos de suicídio, depressão e outros transtornos na infância. Entende-se por situações-problema relacionadas à escola: o *bullying*, a evasão escolar, as crises disciplinares, a dificuldade de adaptação social, e má elaboração das frustrações no âmbito social. Avalia-se que milhões de crianças na primeira infância apresentam sintomas psicopatológicos, não são identificadas e não recebem atendimento. A Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) funciona como rede de atenção à saúde mental infantil (Portaria 3.088/2011) e as escolas não são pontos de atenção, mas, são espaços de produção de saúde mental. Como local de fácil acesso para a população é privilegiada como palco de ações para redução de riscos e identificação precoce das demandas psicopatológicas da infância e adolescência. A relação entre escola e saúde mental é entendida como desafiadora, e para alguns como problemática, pois existe uma situação ainda apreensiva sobre o trabalho conjunto dos setores de saúde e educação. Evidenciou-se, portanto, que os comportamentos agressivos geram inúmeras repercussões podendo afetar negativamente no desenvolvimento infantil e constatou-se que a escola constitui papel fundamental para o pleno desenvolvimento da criança e conseqüentemente é um pilar importantíssimo para a mudança de comportamentos inadequados. Entretanto, para interligar a família nesse processo é necessária a construção coletiva de uma relação de diálogo mútuo. O diálogo promove uma maior aproximação e pode ser o começo de uma grande mudança no relacionamento entre a Família e a Escola e conseqüentemente no processo de desenvolvimento infantil e elaboração das vivências da fase. Ainda é indispensável a promoção do cuidado e capacitação dos profissionais da área de educação e psicopedagogia para lidar com atitudes agressivas no âmbito escolar e na identificação de comportamentos de risco. Desta maneira, auxiliando no manejo das complicações da fase e eliminando a passagem ao ato da ideação para o trabalho de elaboração psíquica nas crianças.

PALAVRAS CHAVE: Escola. Agressividade. Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

ABIJAUDI, Gabriela Mariana Gomes. O psicodiagnóstico e suas contribuições frente à queixa de agressividade na infância. *Pretextos, Revista da Graduação em Psicologia*, PUC Minas. v. 1, n. 2, jul./dez. 2016. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13613/10507>>. Acesso em: 17.nov.2019.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro; BERTÉ, Rosane; DO VALLE, Geisa Valéria. Agressividade da Criança no Espaço Escolar: Uma Abordagem Psicanalítica. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 1, p.144-160, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/2218/2048>>. Acesso em: 17.nov.2019.

MARINHO, Maryana; MAZIERO, Bruna Rodrigues; SEGATTO, Juliana Otarão. A Educação Como Campo De Prevenção Para Saúde Mental Infantil. **Disciplinarum Scientia**. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria, v. 20, n. 2, p. 305-320, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/viewFile/2687/2401>>. Acesso em: 16 nov. 2019.